
“Unileiros” na Cidade: Memórias e Preconceitos em Foz do Iguaçu – PR (2010-2017)

“Unileiro” in the city: Memories and prejudices in Foz do Iguaçu – PR (2010-2017)

Thiago Reisdorfer*

<https://orcid.org/0000-0003-4038-3811>

Resumo

Este texto tem por objetivo compreender vivências urbanas de estudantes da Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, na cidade de Foz do Iguaçu – PR, tendo como recorte o período de sua criação, 2010 até 2017. Para tanto, utilizaremos como fontes entrevistas orais com jovens discentes da UNILA de diferentes nacionalidades, produzidas entre 2013 e 2017. São mobilizadas entrevistas de dez estudantes – dois brasileiros e oito estrangeiros – analisadas a partir de aportes teóricos e metodológicos da História Oral. As memórias das vivências destes estudantes foram marcadas por transformações em suas relações com a cidade. Narraram um primeiro momento em que teriam sido bem recebidos pela cidade, seguido por um processo, a partir de 2012, de construção e percepção de preconceitos e estereótipos sociais constituídos sobre si naquela urbe. Ao longo do texto analisamos este processo, tentando compreender esse movimento, bem como táticas produzidas pelos estudantes em seus diálogos nos espaços citadinos. Através de nossas análises foi possível perceber memórias estudantis atravessadas e ressignificadas por tensionamentos, preconceitos e táticas experimentados e construídas na cidade.

Palavras - Chave: Memória. Estudantes Universitários. UNILA. Cidade.

Abstract

This text aims to understand the memories of students from the Federal of Latin American Integration – UNILA, in the city of Foz do Iguaçu – PR, having as a cut the period of its creation, 2010, until 2017. For that, we will use as sources interviews with young UNILA students of different nationalities, produced between 2013 and 2017. Interviews of ten students are mobilized - two Brazilians and eight foreigners - and analyzed from theoretical and

*Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professor do Colegiado de História da Universidade Estadual do Piauí, campus de Oeiras. Membro do corpo docente permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História (UESPI/Parnaíba). E-mail: thiagorhs@hotmail.com

methodological contributions of Oral History. The memories of these students experiences were marked by transformations in their relations with the city. They narrated a first moment when they would have been well received by the city, followed by a process, from 2012, of construction and perception of prejudices and stereotypes made about themselves in that city. Throughout the text we analyze this process, trying to understand this movement, as well as tactics produced by students in their dialogues with city spaces. Through our analyses, it was possible to perceive student memories crossed and resignified by tensions, prejudices and tactics tried and built in the city.

Words – Key: Memory. University students. UNILA. City.

Ao longo deste texto buscaremos apresentar memórias e vivências urbanas de estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a UNILA em Foz do Iguaçu-PR, entre 2010 e 2017. Ao longo do texto discutiremos como esses estudantes perceberam e narraram suas vivências na cidade. Para tanto serão analisadas memórias de estudantes de diferentes proveniências que experimentaram aquela espacialidade em diferentes contextos através de relatos produzidos entre 2013 e 2017 em diálogo com a metodologia da História Oral.

A cidade em que essas trajetórias e vivências são construídas e narradas é Foz do Iguaçu-PR. Esta é comumente lembrada pela sua combinação entre maravilhas da natureza e gigantescas intervenções humanas. Localizada na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, bem como, entre as Cataratas do Iguaçu e a Usina de Itaipu tinha, em 2010, 256.088 habitantes. A cidade é caracterizada por um forte afluxo turístico em busca de suas belezas naturais, obras de engenharia, ou compras em Ciudad del Este com quem faz fronteira. Em narrativas oficiais, o poder público municipal enfatiza sua “multiculturalidade” através da propaganda da presença de amplo espectro étnico e cultural nessa urbe.¹ Esse discurso de “multiculturalidade”, enquanto presença de diversas etnias em uma cidade, será tensionado ao percebermos os preconceitos percebidos e narrados pelos estudantes da UNILA.

¹ Sobre essa construção narrativa ver: KLAUCK, Samuel; SZEKUT, Andressa. Diversidade populacional: discursos de fixação do patrimônio cultural de Foz do Iguaçu/PR. *Ideação*. Foz do Iguaçu, v. 14, n. 2. p. 157-177, 2012. Fizemos essa discussão de maneira mais ampla em: REISDORFER, Thiago. Universidade e Interculturalidade: Resignificações identitárias de estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA (2008-2017). 2018. Tese. (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

No período de nosso recorte existiam, em Foz do Iguaçu, duas universidades públicas presenciais:² a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE³ e a Universidade Federal de Integração Latino-Americana – UNILA.⁴ A UNILA, cujos estudantes e suas relações com a cidade são o foco de nosso olhar, começou a ser estruturada em 2007 e entrou em funcionamento em 2010. Enquanto a UNIOESTE é uma universidade “tradicional” no sentido de ter as características básicas das demais Instituições de Ensino Superior (IES) públicas brasileiras, a UNILA tem uma especificidade importante: seu projeto de atração de um importante volume de estudantes estrangeiros provenientes dos diferentes países da América Latina e do Caribe.⁵ Dentro desse projeto, iniciou suas atividades em 2010 com apenas 50 estudantes. Em 2016 contava com 3056 estudantes, destes, 1072 eram estrangeiros de diferentes nacionalidades.

Este processo de ressignificação e incorporação das experiências em memórias dificilmente pode ser mapeado pela inexistência ou inacessibilidade de fontes. Documentos oficiais, fotografias, imprensa e outros, dificilmente permitem entrever dimensões da subjetividade e das ressignificações da memória. Dessa forma, o diálogo com tensionamentos intersubjetivos⁶ que atravessaram a cotidianidade dos estudantes, ao longo de suas vivências na cidade, é difícil. Neste texto, a História Oral⁷ entra como possibilidade de

² O Instituto Federal do Paraná – IFPR também oferecia ensino superior público e presencial. Mas esse não era o foco de sua atuação.

³ A Unioeste, instituição multicampi, foi criada em 1994.

⁴ Além destas duas instituições públicas a cidade também conta com um polo da Universidade Aberta do Brasil – UAB, e uma miríade de Instituições de Ensino Superior – IES particulares em diferentes formatos, presenciais, à distância ou semipresenciais.

⁵ Não é nosso objetivo nos aprofundarmos no processo de constituição e nas especificidades da UNILA. Já há uma importante bibliografia a esse respeito. Citamos, especialmente: ALMEIDA, Larissa R. *O Mercosul educacional e a criação da UNILA no início do século XXI: por uma integração regional via educação*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.; MENEGHEL, S.; AMARAL, J. Universidades internacionais na contracorrente: as propostas da UNILA e da Unilab. *Universidades*. México, v. 67, p. 25-40, 2015.; REISDORFER, Thiago. *Universidade e Interculturalidade: Ressignificações identitárias de estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA (2008-2017)*. 2018. Tese. (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

⁶ Nossa concepção de intersubjetividade foi construída a partir das discussões de Passerini. Ver: PASSERINI, Luisa. *A Memória entre Política e Emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

⁷ A operacionalização dos referenciais teórico-metodológicos da História Oral foi realizada a partir das contribuições de: FERREIRA, Marieta M. História, tempo presente e história oral. *Topoi*. vol.3, n.5, p. 314-332, 2002.; FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. *História Oral*, v. 14, n. 1, 2011.; PORTELLI, Alessandro. Forma e Significação na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. *Projeto História*. V. 14, n. 1, 2007.; PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, v. 1, n.2, 1996.; PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.; LAVERDI,

enriquecimento dessa discussão, pois entendemos que as narrativas orais nos permitem um diálogo privilegiado com as memórias, permeadas por sobreposições, apagamentos e ressignificações.

Nossos diálogos com as narrativas estudantis partem de um conjunto de 25 entrevistas realizadas entre 2013 e 2017 para pesquisa de doutorado.⁸ Destas, mobilizamos ao longo do texto 8 entrevistas, sendo 3 de estudantes brasileiros, 2 chilenos, 1 uruguaio, 1 salvadorenho e 1 equatoriano. Os discentes se voluntariaram para conceder entrevistas a partir de postagens realizadas em redes sociais. As entrevistas foram realizadas na UNILA através de questionário semiestruturado que privilegiou um primeiro momento de narrativa livre a respeito de suas trajetórias de vida dos estudantes e, num segundo momento, focou em questões sobre as experiências na instituição e na cidade de Foz do Iguaçu.

Para a estruturação de nosso texto acompanhamos movimentos de ressignificação da trajetória na cidade nas memórias narradas por estudantes da UNILA. Entendendo que o processo de ressignificação das memórias é construído na narrativa e, ainda, reorganizado no processo de análise metodológica, pensamos que essa estruturação permite uma análise orgânica de nosso objeto. Assim, dividimos nosso texto em três momentos de análise. Após uma breve exposição de nossos referenciais teóricos, abordamos, primeiramente, trajetórias estudantis e os significados constituídos a respeito dos dois primeiros anos de existência da UNILA, ou seja, 2010 a 2012. Em diálogo com esse contexto, analisaremos o processo de transformação da forma como os estudantes narraram serem recebidos na cidade. Com o desenrolar de uma ação policial contra uma festa estudantil e narrativas que operacionalizaram esse e outros eventos a partir de 2012, os estudantes narraram uma memória calcada em rejeição, estereótipos e preconceitos diversos sentidos na cidade. Nos debruçaremos, por algumas páginas, na compreensão desse processo a partir da análise de um blog que reverberou nas memórias estudantis. Na sequência, num terceiro momento do texto, analisaremos as trajetórias e memórias dos estudantes a partir das transformações ocasionadas na cidade pelo evento e pelas narrativas que os estereotipam. Pensaremos, em especial, a necessidade da construção de táticas⁹ nas vivências urbanas.

Robson, Raymond Williams y la historia oral: relaciones sociales constitutivas. *Palabras y Silencios*. Vol. 5, Núm. 2, 2011.

⁸ O projeto foi cadastrado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

⁹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

Cidades, Memórias e História Oral

Temos como preocupação central a compreensão das vivências e memórias de estudantes da UNILA em Foz do Iguaçu. Estas ocorrem numa conjugação de espacialidades, cidade/universidade, historicamente constituída. É na dinâmica cidade/universidade que os diferentes espaços de experiência¹⁰ entram em contato, realizam trocas, diálogos e constituem tensões. Mais que um simples espaço geográfico, a cidade implica relações diferentes das constituídas em outras historicidades. Em nosso texto, pensamos o espaço urbano como ambiente de possibilidades, trocas, tensões e diálogos identitários, de formação e/ou dissolução de fronteiras simbólicas, espaço de constituição e transformação da memória e de construção de vivências. Como escreve Arantes:

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. [...].¹¹

Na cidade, os grupos sociais estão em constante relação. Deste modo, ela será pensada como espaço privilegiado para contatos, diálogos e tensionamentos, entre grupos diferentes. Tecer percursos, como discute Michel De Certeau¹² é, simultaneamente, se aproximar e distanciar-se de grupos sociais. O estudante caminhante perpassa zonas de conforto e de tensões, constitui e é constituído por fronteiras identitárias e simbólicas. Aquele que inicia uma caminhada nunca é o mesmo que a termina, sendo transformado no percurso. Os usos, as narrativas da cidade transformam o estudante, suas identidades¹³ e memórias, ao mesmo tempo em que a cidade é transformada pela sua presença.

¹⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

¹¹ ARANTES, Antônio A. Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempos de globalização. *Paisagens Paulistanas*. Campinas: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000. P. 106-107.

¹² CERTEAU, op. cit.

¹³ Ao longo do texto, utilizaremos aspas para nos referirmos ao “unileiro”, com o objetivo de destacar nossa compreensão, em perspectiva próxima à de Hall e Candau para quem as identidades são representações constituídas em diálogo com o “outro”. Ver: HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, 1996.; HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade. In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, Rj. Editora Vozes, 2000.; CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

Essa “caminhada” na cidade será elemento (re)formulador de memórias e narrativas. A problematização de vivências urbanas através de memórias estudantis implica na necessidade de abordarmos, mesmo que brevemente, a forma como pensamos memória. Um dos diálogos que estabelecemos para a construção deste texto, foi com a obra de Joel Candau¹⁴. Gostaríamos de destacar a compreensão do autor a respeito da memória, quando este afirma que haveria um consenso em “reconhecer que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”.¹⁵ Ou seja, a memória é constantemente reconstruída no e pelo presente. Entretanto, esse processo de reconstrução não é unilateral ou uniforme afinal, conforme o próprio autor: “A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”.¹⁶ Há uma dialética passado/presente que trabalha no processo de construção e narração da memória.

A memória é, intrinsecamente, um fenômeno relacional, seja na forma passado/presente, mas também na dimensão da subjetividade/intersubjetividade, sendo reconstruída no diálogo entre indivíduo e coletivo. Essa percepção é expressa por Luísa Passerini:

Uma constante nesses percursos foi a consideração da memória como forma de subjetividade – e este termo implica necessariamente a intersubjetividade, já que a memória narrativa de que trato se só se constitui como diálogo, como troca entre sujeitos diferentes. Por consequência, a dimensão na qual essa memória se situa compreende sempre dois polos: um individual e um coletivo, que interagem e se influenciam mutuamente.¹⁷

Nessa perspectiva, as memórias se constituem exatamente nessa relação dialógica. Ou seja, as memórias dos estudantes são constituídas nessa relação cidade/universidade, bem como, numa miríade de outras relações que escapam ao nosso escopo. Isso se torna ainda mais importante quando pensamos que em nosso caso as memórias serão analisadas dentro do diálogo com referências da História Oral. Entendemos que um dos principais elementos ao produzirmos uma entrevista e que deve ser ponderado no momento de sua análise é que “Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente

¹⁴ CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

¹⁵ CANDAU, op. cit.

¹⁶ CANDAU, op. cit. P. 16.

¹⁷ PASSERINI, op. cit. P. 7.

uma visão mútua”.¹⁸ Essa perspectiva de troca implica, a compreensão de que a narrativa construída pelo sujeito entrevistado é uma narrativa construída para alguém, numa relação de poder, uma publicização dessa narrativa. Isso implica elementos de intencionalidade, pois deve-se perceber que o sujeito quer ser visto de uma determinada forma. Essa percepção não implica a compreensão de que o relato é estruturado apenas como uma atuação consciente. Silêncios, jogos entre dito e não dito, implicam a possibilidade de “frestas” maiores ou menores, para elementos que não necessariamente são intencionais. Equilibrar esses elementos, que são distintos para cada entrevistado, deve fazer parte das preocupações do historiador. É dentro desse escopo teórico e metodológico, operacionalizadas através da história oral, que produzimos nossas análises a seguir.

“Unileiros”: entre uma identidade e um estereótipo

Como informamos no início deste texto, o período de 2010 a 2012 foi percebido pelos estudantes como um período de tranquilidade e boas relações com a cidade de Foz do Iguaçu. Para que possamos compreender essa percepção vamos apresentar, mesmo que brevemente, o contexto de criação do “unileiro”. Isso se faz necessário pois as vivências dos estudantes na cidade foram, como veremos, demarcadas pela identificação destes com o fato de serem tomados por “unileiros”. Dessa forma, o próprio termo, transformado ou percebido como identidade nas memórias estudantis, passou por transformações seguindo o processo de inserção dos estudantes da UNILA na cidade.

Um dos momentos de complexidade da relação Foz do Iguaçu/Unila/estudantes¹⁹ esteve condensado nas tensões presentes no processo de construção da identidade²⁰ “unileira”, entre 2010 e 2012, e sua “submersão” e invisibilização num momento carregado de tensionamentos e preconceitos

¹⁸ PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. Vol. 14. São Paulo: 1997. P. 9.

¹⁹ Importa destacar que tanto a cidade quanto a universidade possuem historicidades e se inserem em tramas históricas específicas, que não necessariamente dependem umas das outras, nem estão relacionadas. Além disso, é preciso destacar que a utilização desses “corpos sociais” carregados de diversidades como lugares do qual emanam e são apreendidos discursos se dá pelas necessidades metodológicas do texto, bem como pela compreensão de que essas espacialidades são compartilhadas sincrônica e diacronicamente pelos sujeitos que as fazem, produzem, reproduzem, ativam e silenciam historicidades compartilhadas.

²⁰ Quando nos referimos aqui à “identidade unileira” estamos pensando com Candau que a identidade, ou as identidades, são socialmente produzidas/construídas, o que acontece no “quadro de uma relação dialógica com o *outro*” [Grifo do Autor]. Candau destaca a concepção de que as identidades são construídas, não naturais, não essencialistas, nem originárias ou fixas. Elas são construídas, sempre em relação a um “outro”. Ver: CANDAU, op. cit.

constituídos e disseminados na urbe. O “unileiro”, termo transformado em identidade, se tornou comum em manifestações provenientes tanto de cidadãos de Foz do Iguaçu quanto de pessoas que fazem parte da UNILA. Como definição, podemos dizer que foi utilizado para identificar indivíduos, grupos, práticas e representações que constituiriam essa universidade.

Sem querer cair em uma busca por um “mito de origem”, nos preocupamos com os usos e com os significados que a designação “unileiro” teve, ao longo do tempo. Neste processo de mapeamento e busca de uma possível origem do termo, remontamos ao primeiro uso que mapeamos: “Unileiros” é utilizado como título de um *blog*, organizado por estudantes que ingressaram na primeira turma de discentes de graduação da Unila. A postagem inicial é de 19 de setembro de 2010. Esta publicação é realizada apenas 34 dias após o início formal de suas atividades letivas da instituição, em 16 de agosto de 2010. O *blog*, criado por cinco estudantes brasileiros, foi denominado “Unileiros”.²¹

A utilização ocorreu a partir da invenção – no sentido que Albuquerque Junior²² tem trabalhado – e operacionalização do termo em categoria identitária. A invenção intersubjetiva desta identidade estudantil assume materialidade e se condensa em torno do termo “unileiro”. Importa destacar que falamos de um momento muito específico da instituição. A sua abertura, em 2010, ocorreu com escopo limitado de atuação, com um número relativamente pequeno de estudantes (apenas 50 discentes), professores e funcionários, limitados a uma estrutura cedida pela Usina Binacional de Itaipu em seu Parque Tecnológico.²³ O impacto material na convivência com cidadãos ainda era limitado. Os estudantes, em sua grande maioria, viviam em moradias estudantis com baixa capilaridade urbana.

No *blog* não há uma definição específica ou um trabalho “formal” de significação desta identidade. O *post* citado com a utilização do termo, bem como as outras postagens realizadas em seu período de atividade – cerca de um ano – utiliza “unileiro” como sinônimo de estudante da UNILA. Desta maneira, construiu o termo como identificação daqueles que fariam parte da comunidade estudantil desta universidade. O “unileiro” surgiu como uma

²¹ Blog “Unileiros”. Disponível em: <<http://unileiros.blogspot.com/>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

²² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*. Bauru: Edusc, 2007.

²³ A própria localização do campus provisório (que permanece com esse status até o 2021) é marcante. O PTI fica dentro do território da ITAIPU que por ser uma entidade binacional é cercada por um território de alta vigilância sendo considerado um Espaço de Segurança Nacional e tem sua entrada, no lado de Foz do Iguaçu, controlada pelo Exército Brasileiro. Assim, diferente de outras universidades com a possibilidade de circulação do público, o início da UNILA se dá distanciado da urbanidade.

denominação para um grupo de pessoas que, por diferentes motivos, se reunia sob uma nascente instituição universitária. A abrangência, a flexibilidade e a amplitude do termo permitiram apropriações e (res)significações diversas, tanto diacronicamente, ao se transformar com seus usos, como sincronicamente, ao ser utilizado de maneiras distintas em um mesmo momento.

A própria UNILA, num processo de construção de sua identidade institucional também se apropriou do “unileiro”. Já em fevereiro de 2011, temos uma reportagem em seu site oficial com a utilização dessa denominação. Ao abordar a vinda de um estudante do Rio Grande do Norte para a instituição, utilizou a expressão como parte de um dos subtítulos da reportagem: “Unileiro - quando perguntado sobre como está sendo a vida de ‘unileiro’, ele é simples e direto: ‘Quando a gente chega aqui, parece um sonho’”.²⁴ Essa reportagem foi republicada, na íntegra, pelo periódico “ClickFoz”,²⁵ em 02 de maio de 2011, primeira vez que o termo “unileiro” aparece registrado em veículos de comunicação de Foz do Iguaçu.

Temos aqui um momento específico. Durante os anos de 2010 e 2011, a recepção dos universitários é relativamente tranquila na imprensa e na sociedade local. Os próprios estudantes em seus relatos destacam essa convivência positiva. Mas, como veremos nos relatos a seguir, o ano de 2012 foi um momento importante na transformação ou no emergir de dinâmicas diferentes e menos amistosas. Esse processo tem como marco uma ação da Polícia Militar em uma moradia estudantil da UNILA. Na madrugada de 03 de junho de 2012, a Polícia Militar foi acionada por moradores vizinhos a uma das moradias estudantis, invadiu uma festa universitária, agrediu e prendeu 8 estudantes, bem como feriu outros durante a ação.²⁶ O evento foi amplamente difundido e usado de maneiras distintas, marcadas pela posição em relação à presença da universidade e de seus estudantes na cidade.²⁷

²⁴ Matéria sobre a chegada de estudante do Rio Grande do Norte na UNILA. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/acad%C3%AAsicos>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

²⁵ O Portal Click Foz do Iguaçu, ou “Clickfoz”, é um portal *online* de notícias com foco na cidade de Foz do Iguaçu e região. Criado em 2009, publica reportagens sobre cotidiano, política, economia, etc. Disponível em: <<http://www.clickfozdoiguacu.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

²⁶ A maior parte da ação pode ser acompanhada em vídeo disponibilizado no *Youtube*. Tanto o processo de negociação entre a polícia e os estudantes quanto imagens das agressões sofridas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xyneCDJPC8>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

²⁷ Importa destacar que essa operação da polícia ocorreu em um momento sensível para a universidade. Em 2012, houve uma das mais importantes greves da história das universidades federais brasileiras. Por cerca de 4 meses, entre maio e setembro daquele ano, a maior parte dessas instituições permaneceram em greve.

Diversos estudantes apresentaram em suas entrevistas essa “divisão”. Se até 2012 se percebiam como bem vindos e bem vistos pela cidade, a ação policial transforma essa relação. Esse processo de transformação da relação entre eles e cidadãos tem como momento de inflexão o evento da invasão da festa. Vejamos como isso aparece no relato de Valéria,²⁸ universitária chilena do curso de Ciências Sociais:²⁹

Valéria: Agora, a questão da relação com a cidade quando a gente chegou, quando eu cheguei aqui a gente era muito mais bem recebido. Assim, a gente tinha muitas expectativas da UNILA por parte da população e isso gerava que eles nos tratassem de um jeito bem agradável. Só que o ano passado [2012] a gente teve uns problemas que foi a polícia. A gente tem problemas que foi a perseguição policial aos estudantes da universidade, a repressão policial aos estudantes da universidade. Aí isso obviamente saiu na imprensa e a imprensa começou a gerar junto com a polícia uma estigmatização dos estudantes da UNILA. Então os estudantes da UNILA são maconheiros, os estudantes da UNILA estão aqui pra roubar a vaga dos brasileiros entrar na universidade.³⁰

O relato permite o acompanhamento de maneira privilegiada do processo de resignificação dos sentidos atribuídos à presença dos estudantes da UNILA na cidade na memória dos entrevistados. Afinal, como afirma Alessandro Portelli “O realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação e significações”.³¹ Assim, podemos ver como Valéria e outros estudantes significaram esse processo de chegada (expectativas positivas), ação da política (inflexão), repercussão na imprensa (construção de estereótipos). Narrativa semelhante é produzida por outros entrevistados. Esse tensionamento emergiu em outros relatos. Vejamos alguns exemplos:

Tuane: Agora na questão com relação a cidade, como a gente já falou, quando eu cheguei aqui a gente era muito mais bem recebido, a gente era mais... A gente tinha muitas expectativas da UNILA, por parte da população mesmo. Isso gerava que fosse

²⁸ Visando preservar os entrevistados de possíveis usos abusivos ou descontextualizados de seus relatos todos os nomes utilizados são pseudônimos.

²⁹ Valéria: Estudante chilena, tinha 20 anos em 2013, momento da entrevista estudante do curso de Ciência Política.

³⁰ VALÉRIA. [20 anos]. [Julho de 2013]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Foz do Iguaçu, PR. 16 de julho de 2013.

³¹ PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. Vol. 14. São Paulo: 1997. P. 33.

de um jeito bem agradável. Só que ano passado a gente teve uns problemas... É, a polícia... A gente lembra de Foz pela perseguição aos estudantes da universidade. A perseguição policial, a repressão policial na cidade é uma repressão muito forte.³²

Valéria: Não sei se é algo típico da universidade pública, mas existe a coisa de que a universidade de maconheiro, vagabundo. Eu creio que a cidade também tem um programa de televisão que são como problema. Houve uma festa na UNILA e tiraram a calma... fica como a gente ser um bando de maconheiros, de vagabundos...³³

As memórias relatadas por Valéria e Tuane a respeito da relação cidadãos/estudantes se constituíram intersubjetivamente, a partir de três momentos principais. Os três estudantes vivenciaram essa transformação, pois foram discentes que iniciaram seus cursos entre 2010 e 2011. Primeiramente, narraram um conjunto difuso, mas identificável, de expectativas positivas por parte da “população” de Foz do Iguaçu sobre a UNILA e seus estudantes; em seguida, o primeiro evento que teria transformado essa relação, a já citada intervenção da polícia na festa; por fim, a divulgação e a cobertura da imprensa sobre o evento, o que teria gerado uma estigmatização dos estudantes. Esse movimento histórico ocorreu em um período relativamente curto e é narrado por eles como momentos relacionados. Aqui vemos um trabalho da memória destes jovens. É altamente improvável que a presença da UNILA, mesmo em seu início, tenha gerado apenas reações positivas entre os habitantes de Foz, assim como é improvável que, mesmo após a ação da polícia, os estudantes sejam apenas objeto de preconceitos. Não há homogeneidade absoluta quando falamos de uma historicidade complexa, como é o caso das relações entre uma nascente universidade e uma cidade. Importa destacar que, como nos lembra Portelli, a História Oral nos “conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*”.³⁴ As memórias de Valéria e Tuane significam esses momentos desta forma. Em suas narrativas, é apenas a partir da intervenção da polícia e da estigmatização dos estudantes, por parte da imprensa, que teríamos um processo de tensionamento nessa relação. A intervenção da polícia

³² Estudante Uruguiaia do curso de História. Tinha 21 anos em 2013, momento da entrevista. Proveniente de Montevidéu, ingressou na UNILA em 2010. TUANE. [21 anos]. [Julho, 2013. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Foz do Iguaçu, PR. 17 de julho de 2013.

³³ Estudante de Relações Internacionais, chileno, tinha 23 anos em 2013, momento da entrevista. Proveniente da cidade de Santiago, capital do Chile, ingressou na UNILA em 2011. ANTONIO. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Foz do Iguaçu, PR. 17 de julho de 2013. Foz do Iguaçu, 16 de maio de 2013.

³⁴ PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. Vol. 14. São Paulo: 1997.

e a repercussão desse evento na cidade se transformaram em um marco na memória das estudantes.

Os significados das vivências urbanas se transformaram a partir da ação da polícia e da repercussão na imprensa. Assim, os unileiros passariam a ser maconheiros, festeiros e, no caso dos estrangeiros, “ladrões de vagas de brasileiros”, dos “filhos dos trabalhadores de Foz”.³⁵ Essa é uma mudança significativa que atravessa diferentes momentos da instituição e que chega com força até nós através das memórias dos estudantes. Suas narrativas apresentam as vivências na cidade a partir da inflexão causada pela ação policial e pela disseminação urbana de estereótipos sobre os estudantes. A partir da emergência desses tensionamentos veremos que o foco narrativo de muitos jovens discentes sobre esse período se deu em torno de táticas utilizadas em suas vivências urbanas. Antes disso, vejamos de maneira mais detalhada como foram construídos estereótipos sobre esses estudantes.

É importante perceber o movimento narrativo que ocorre em suas falas. Nos três casos temos uma sequência semelhante. Quando questionados sobre como eram e tinham sido suas relações com a cidade estruturaram seus relatos a partir da ação policial e das transformações daí decorrentes. Tanto Tuane como Valéria relatam a sequência: recepção positiva – ação policial – transformação na forma como percebem essa relação. É 2012, e sua repercussão que reorganizam suas vivências urbanas. As memórias desses estudantes tratam esse momento como o ponto de inflexão. Entretanto, a ação policial não pode ser percebida isoladamente. Como apresenta Antonio, essa ação teve uma repercussão na mídia que, segundo ele, contribuiu para o tensionamento da relação dos estudantes com a cidade. Como veremos a seguir, o programa de televisão não identificado citado por Antonio não é algo isolado. A partir de 2012 outros espaços públicos foram tomados por narrativas negativas, preconceituosas e xenófobas a respeito dos unileiros. Acompanharemos esse processo, visando compreender esse momento de inflexão na memória dos estudantes, através da análise de publicações do blog EmpresariALL.

Construindo um estereótipo sobre os unileiros.

Entre as diferentes narrativas que, a partir da ação policial de 2012, passam a criticar a presença da UNILA e a negatar seus estudantes, optamos

³⁵ VALÉRIA, op. cit.

por trabalhar com uma postagem de periódico publicado já em 2013. Fazemos isso pois esse periódico foi constantemente citado pelos estudantes como uma espécie de “síntese” e mobilizador dos preconceitos e das narrativas que estereotiparam os discentes e foram produzidas na cidade, são os casos, por exemplo, das narrativas de Bernardo³⁶ e Marcos.³⁷ Em 2013, uma reportagem do periódico “EmpresariALL”³⁸ publicou uma postagem negativa e, como veremos, preconceituosa sobre a UNILA e seus estudantes. Ali foram mobilizados preconceitos e estereótipos que atravessaram as vivências e memórias dos estudantes na cidade. Publicado semanalmente em formato de encarte no jornal “Primeira Linha”, o periódico conta também com um *blog*,³⁹ atualizado diariamente até 2018, e com página de *Facebook*. Em sua rede social, descreve-se da seguinte forma: “Empresários agora tem vez e voz. Blog atualizado diariamente com as principais notícias e novidades da nossa região e do mundo. EmpresariALL, tudo sobre o mundo business”.⁴⁰ As colunas sobre a UNILA possuíram uma repercussão importante na universidade e na memória dos estudantes, especialmente a apresentada, a seguir:

UNILA: o perigo mora ao lado. *Jovens barbados, cabeludos, com roupas sujas repletas de símbolos comunistas dividem espaço com livros e drogas.* Parece cenário de um filme decadente dos anos 1980. Mas é Foz do Iguaçu, hoje. É um dos locais que abrigam estudantes da UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, criada com recursos do povo brasileiro em janeiro de 2010. (...) Como toda ideia *socialista*, nasce num fundo de verdade: integrar povos latinos que são separados até pelo idioma. (...) Nossa cidade será inundada com os conceitos que lá aprendem. Esses alunos farão título de eleitor para votar naqueles que lhes retiraram

³⁶ Estudante equatoriano, tinha 22 anos em 2016, momento da entrevista. Proveniente de Orellanas, interior do Equador, veio para a UNILA em março de 2012 estudar Relações Internacionais. BERNARDO. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Foz do Iguaçu, 13 de agosto de 2016.

³⁷ Estudante brasileiro, tinha 24 anos em 2017, momento da entrevista. Morador de Foz do Iguaçu. Egresso do cursinho “Ingressa”, entrou na UNILA em 2015 no curso de Geografia. MARCOS. [24 anos]. [Abril, 2017]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Foz do Iguaçu, PR. 07 de abril de 2017.

³⁸ O blog EmpresariALL não apresenta postagens novas desde 2019. Sua página pode ser encontrada em: <http://empresariall.blogspot.com/>. Acesso em: 11/05/2021.

³⁹ Blog EmpresariALL. Disponível em: <http://empresariall.blogspot.com/?fbclid=IwAR29IN7fjtjwGD4Q-9WT1Bd36HUfHq4gSRfNhsYd0yhGS5VCakg-VR_IX7YI>. Acesso em: 06 ago. 2019.

⁴⁰ Página do Blog EmpresariALL no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/tvpromoshop/?__tn__=%2Cd%2CP-R&eid=ARAd028nv79w-eCvxx5aY8Wu1tuuzjiwoW1xhZO-xCsbpjVb_cA-1fIEyuAKqVXNqjX7w-MEQ081QSaM0>. Acesso em: 11 ago. 2019.

dos piores rincões da América do Sul para a fronteira-maravilha. Esse filme é conhecido (...). [Grifos nossos].⁴¹

A coluna traz algumas questões que precisam ser abordadas. O texto foi escrito cerca de um ano após a ação policial na moradia estudantil. Apesar de não termos evidências de conexão direta entre os eventos, é possível perceber uma reverberação de algumas das representações sobre os estudantes – chamados de “jovens” pela publicação – da UNILA, em especial, o uso de drogas e a vinculação com o socialismo/comunismo, que aparecem nas memórias estudantis. Vejamos o caso de Bernardo: “Unileiro não sei o que, Unileiro comunista. Porque Unileiro é sinônimo de comunista, é sinônimo de maconheiro também. Unileiro de ladrão, de tá roubando...”⁴² Em nova publicação, de 19 de novembro de 2014, o autor reforça os estereótipos que vinha construindo. Em texto denominado “Unicrack: a nova universidade de Foz do Iguaçu”,⁴³ o periodista aponta suposta utilização de crack nas dependências da universidade. Nenhum desses estereótipos, quando vistos isoladamente, é novidade na sociedade brasileira. A xenofobia,⁴⁴ o anticomunismo⁴⁵ e a vinculação da juventude universitária com o uso de drogas são elementos que compõem a história da sociedade brasileira. Estes elementos tem assumido um espaço público privilegiado na década de 2010. O anticomunismo e a vinculação da juventude universitária com o uso de drogas são mobilizadas no tempo presente como forma de ataque as universidades.⁴⁶ O que podemos perceber, no excerto acima, é a criação de uma unidade relacional destas três características e a identificação de um grupo social, os “unileiros” – estudantes da UNILA –, a partir dela.

⁴¹ Disponível em: <<http://empresariall.blogspot.com/2013/09/unila-o-perigo-mora-ao-lado.html>> Acesso em: 30 de junho de 2021.

⁴² BERNARDO op. cit.

⁴³ Disponível em: <http://empresariall.blogspot.com/2014/11/unicrack-nova-universidade-de-foz-do.html>. Acesso em 13/08/2020.

⁴⁴ Sobre a questão da xenofobia ver: FARAH, Paulo D. Combates à Xenofobia, ao racismo e à intolerância. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 114, 2017.

⁴⁵ Sobre a atualização e mobilização do anticomunismo no presente ver: SÁ MOTTA, Rodrigo. Anticomunismo e Antipetismo na atual onda direitista. In: BOHOSLAVSKY, E.; SÁ MOTTA, R.; BOISARD, S. *Pensar as Direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda, 2019.

⁴⁶ Essa vinculação drogas/universidade ganhou repercussão pública em 2019 quando o então ministro da educação Abraham Weintraub afirmou que nas universidades federais haveria “plantações de maconha, mas não são três pés de maconha, são plantações extensivas de algumas universidades”. Essa afirmação é fruto de uma narrativa de desconstrução da legitimidade das Universidades Públicas. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/11/22/weintraub-ha-plantacoes-extensivas-de-maconha-em-universidades-federais.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20/07/2020.

Outro ponto importante é a percepção de que a negatização desse grupo social ocorre baseada em características efetivamente presentes entre eles. Há, de fato, cabeludos, usuários de maconha, comunistas e estrangeiros. Alguns fazem parte de movimentos sociais diversos, organizaram Marchas da Maconha, reverberaram lutas feministas etc. Há também carecas, liberais, anarquistas, religiosos, etc. A especificidade da questão é a escolha e a mobilização de determinadas características como uma questão negativa, como uma marca distintiva transformando-as em estereótipos do conjunto de universitários da UNILA. Ressignificando, negativamente, os unileiros.

Essa demarcação e a construção de estereótipos ficam evidentes quando vemos a ênfase na UNILA. Foz do Iguaçu conta, como já vimos, com outras instituições públicas de ensino universitário. Além disso, conta com diversas faculdades particulares. Entretanto, as notícias negativas deste periódico focam na UNILA. Difícil imaginar que não existiam “cabeludos” e “maconheiros” em outras instituições e espaços. Ou seja, vemos a singularização na UNILA de características comuns. Assim, podemos perceber a construção consciente de um estereótipo para um grupo social.

Em que pese a existência de elementos como as drogas e a aparência pessoal, que são usados na construção dessa imagem negativa sobre os estudantes, são outras duas características que predominam na reportagem: a xenofobia, misturada com preconceito social, e o “anticomunismo”. Apesar de contrário à UNILA, o autor, no EmpresariALL, faz questão de pincelar uma concessão ao projeto da qual ela faz parte. Afinal, seria interessante integrar os povos latino-americanos, mesmo que eles sejam separados, segundo o jornalista, até pelo idioma. Na perspectiva deste periodista, o objetivo da universidade estaria dissimulado. O “verdadeiro” objetivo seria um projeto de tomada ideológica do país por esses “socialistas”. Afinal, ao serem retirados dos “piores rincões da América do Sul para a fronteira-maravilha”, esses jovens recompensariam aqueles que o fizeram (o governo do PT – pensado ali como um governo com ideias “socialistas”) com votos e apoio político.⁴⁷ Em nova publicação, de 19 de novembro de 2014, o autor reforça os estereótipos que vinha construindo. Em texto denominado “Unicrack: a nova universidade de Foz do Iguaçu”,⁴⁸ o periodista aponta suposta utilização de crack nas dependências da universidade

⁴⁷ Destaque-se que esta publicação ocorre cerca de 60 dias após o anúncio do programa Mais Médicos, em julho de 2013, o qual enfrentou acusações absurdas, mas semelhantes, como a de que serviria para trazer guerrilheiros cubanos para o país que dariam sustentação ao PT.

⁴⁸ Disponível em: <http://empresariall.blogspot.com/2014/11/unicrack-nova-universidade-de-foz-do.html>. Acesso em 13/08/2020.

Temos, aqui, uma inversão importante das narrativas anteriores a 2012. Enquanto aquelas, produzidas por estudantes e pela universidade e reverberadas em meios de comunicação citadinos, positivavam a universidade e os “unileiros”, vemos, agora, a construção e reverberação de preconceitos e estereótipos que, de diferentes formas, atravessaram a convivência de citadinos e “unileiros”. Neste sentido, é importante pensarmos a partir da definição de Albuquerque Junior⁴⁹ o discurso da estereotipia. Parafraseando o autor, vemos o discurso da estereotipia como algo assertivo e caricatural, que demarca, constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro, apaga suas diferenças e multiplicidades, sua historicidade. A partir desse processo, incorpora no outro, sentidos percebidos, pretendidos ou inventados pelo emissor do discurso. É este fenômeno que vemos acontecer em relação aos “Unileiros”, a partir de 2012. Sincrônica e diacronicamente vemos o imbricamento entre estereótipos e as vivências dos estudantes.

O que podemos perceber, a partir do EmpresariALL, é a construção e a reverberação de estereótipos sobre estudantes da UNILA. Esse estereótipo é construído e reforçado através da negatização e da generalização de determinadas características presentes entre eles. O uso da maconha ou de outras drogas, a condição de estrangeiro e mesmo características visuais como cabelos longos entre homens, são estigmatizadas e utilizadas como ferramentas para a construção de um estereótipo para esses estudantes. Desta forma, do “unileiro” positivado, transforma-se naquele que seria seu “oposto”, o “unileiro maconheiro”.

As estigmatizações construídas sobre os estudantes dialogam, em diversos momentos, com o fato de que parte importante destes jovens são estrangeiros.⁵⁰ Estabelece-se, em alguns desses momentos, uma simples orientação xenófoba no trato com eles. É o caso dos comentários do periódico que critica os estudantes pela sua estrangeiridade. Além disso, em um dos momentos da reportagem supracitada, há uma expressão interessante: “Esses alunos farão título de eleitor para votar naqueles que lhes retiraram dos piores rincões da América do Sul para a fronteira-maravilha”.⁵¹ Não obstante a possibilidade exagerada de um pequeno grupo de estudantes influenciarem

⁴⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

⁵⁰ Em 2013, momento da publicação, a UNILA contava com 335 matriculados. Destes, 212 eram brasileiros e 123 estrangeiros

⁵¹ Disponível em: <<http://empresariall.blogspot.com/2013/09/unila-o-perigo-mora-ao-lado.html>> Acesso em: 30 de junho de 2021.

nas eleições regionais ou nacionais, é interessante pensar os usos da geografia e das fronteiras na narrativa.

Temos um exemplo de construção de estereótipo a partir do que Albuquerque Junior⁵² chama de “preconceito quanto à origem geográfica”. A oposição “piores rincões da América do Sul” e “fronteira-maravilha”⁵³ torna visível aquilo que o autor aponta. Pessoas de lugares “inferiores” buscariam tirar vantagens da “fronteira-maravilha” e, por consequência, do “povo do Brasil” que pagou os impostos e que sustentariam esses futuros “eleitores”. A união da preocupação eleitoral – votos no PT – com a origem geográfica complexifica as coisas. A disponibilidade do *blog online* permite uma análise aprofundada de suas narrativas, além de auxiliar na compreensão de que este preconceito manifestado no *blog*, com relação aos estudantes da UNILA, advém tanto de sua origem de lugar, quanto da suposta vinculação político partidária da universidade que traria esses estudantes para influenciar eleições. Vemos o imbricamento entre um contexto político nacional e internacional na narrativa sobre os estudantes. Debateremos mais essa articulação adiante.

A repercussão destes e de outros estereótipos e preconceitos gerou consequências práticas nas vivências estudantis, bem como demarcou em suas memórias uma mudança na forma como perceberam ser recebidos e vistos na cidade. Tensões e desafios não esperados ou não experimentados por outros grupos sociais, e por estudantes de outras universidades de diferentes lugares do país, emergem em suas narrativas como consequências da imagem negativa que se construiu sobre o “unileiro”. Alguns se destacam: dificuldade em alugar imóveis, discursos/práticas preconceituosas no dia a dia e necessidade de omitir a filiação institucional. Vejamos agora, como essas questões foram narradas pelos estudantes entrevistados.

Tensões e Táticas: Vivendo a cidade como “Unileiro”.

A partir do processo que apresentamos, de transformação da forma como os estudantes da UNILA se viram recebidos pela cidade, veremos agora consequências da estigmatização e dos preconceitos construídos sobre eles. Constituíram, baseados nessas relações, memórias que apresentaram suas experiências e suas leituras da cidade, marcadas pelo tensionamento constantemente presente em seu cotidiano. É preciso atentar para o fato de

⁵² ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit.

⁵³ Disponível em: <<http://empresariall.blogspot.com/2013/09/unila-o-perigo-mora-ao-lado.html>> Acesso em: 30 de junho de 2021.

que, apesar de significarem suas experiências na cidade a partir do signo do preconceito e de tensionamentos, essa não é a única dimensão. A experimentação da cidade acaba por ser inevitável, mesmo que como lugar de passagem ou apenas de comércio. Dessa forma, mesmo limitados pelos significados construídos, é possível inferir que relações diversas e com outros sentidos possam ter sido construídas.

Geralmente, a identificação do pertencimento a uma universidade, implica em ganhos sociais e, portanto, pode ser buscada pelos seus estudantes. O contato com preconceitos contra os “unileiros” leva os estudantes a criarem táticas e estratégias de inserção pessoal.⁵⁴ Como veremos, houve constantes tentativas de esconder ou omitir a filiação institucional nos espaços urbanos. É comum, em cidades com universidades, presenciar estudantes que utilizam a marca institucional, principalmente em mochilas, camisetas, agasalhos, adesivos, etc. Esta situação é distinta no caso dos “unileiros”. Vejamos como Cláudio⁵⁵ narrou a situação:

Cláudio: Muita gente que chegava e foi muito maltratada na cidade, foi muito maltratado porque a galera não gosta da gente aqui na cidade. É uma cidade extremamente conservadora e, às vezes, as pessoas não alugavam casas. Quando a gente chegou aqui você ia em uma imobiliária pedir para alugar uma casa e eles perguntavam se você estudava na UNILA e falava: “Ó, não, para estudante da UNILA a gente não aluga”.⁵⁶

A dificuldade para alugar uma casa, apartamento ou quitinete é explicada, no relato de Cláudio pelos preconceitos que as imobiliárias teriam com os “estudantes da UNILA”. Este não é, necessariamente, um problema exclusivo de Foz do Iguaçu ou desses estudantes. A promoção de festas e confraternizações, elementos comuns das chamadas “repúblicas estudantis”, podem deteriorar as propriedades e/ou tensionar as relações com a vizinhança, o que pode gerar dificuldades no aluguel para estudantes. Mas há uma especificidade que precisa ser abordada e relativizada. O relato de Cláudio permite entrever o que percebem como uma dificuldade específica dos estudantes da UNILA: “Não, para estudante da UNILA a gente não aluga”.⁵⁷ Aqui, emerge uma pers-

⁵⁴ CERTEAU op. cit.

⁵⁵ Cláudio: Estudante brasileiro, tinha 23 anos em 2016, momento da entrevista. Ingressou na UNILA em 2014 no curso de História.

⁵⁶ CLÁUDIO. [23 anos]. [Maio de 2016]. Entrevistador. Thiago Reisdorfer. Foz do Iguaçu, PR. 16 de Maio de 2016.

⁵⁷ CLÁUDIO, op. cit.

pectiva que apresenta o veto ao aluguel como uma característica específica na relação com os “unileiros”. Afinal, o veto é para “estudante da UNILA” e não para “estudante” ou “universitário”. Essa é a primeira dimensão das consequências que os preconceitos estabelecidos na cidade narraram sobre suas vivências urbanas em Foz do Iguaçu. Além da dificuldade no aluguel de casas ou apartamentos, outras manifestações de preconceitos emergiram nas memórias dos estudantes. Vejamos alguns exemplos:

Valéria: Essa é uma cidade em que temos sofrido de xenofobia, temos sofrido de discriminação, temos sofrido por esse preconceito. (...) Outro dia, uma amiga quis resolver um problema burocrático na Receita Federal e lhes disse que não podia resolver pois não tinha dinheiro; e a funcionária disse: “Pague, somos nós que estamos te mantendo, a única coisa que precisa fazer é pagar”. E em outro dia, por exemplo, uma amiga foi pagar algo que havia consumido em uma cafeteria, e uma senhora disse: “aquela universitária coloca a senha do cartão e somos nós que pagamos”.⁵⁸

Fabiano: Por exemplo quero ficar com uma guria, você é um deus até ela saber que você é da UNILA. Aí muda, isso é incrível, incrível tipo, você á menina tá conversando contigo aí vai: “Você estuda onde?” “Estudo na UNILA.” A menina te corta, isso é instantâneo, instantâneo assim sabe.⁵⁹

O exemplo de Fabiano se relaciona com a dimensão das sociabilidades cotidianas destes estudantes. Seus relacionamentos sexuais e/ou afetivos são afetados pela percepção que se tem sobre os estudantes da UNILA. Isso permite perceber uma difusão destes preconceitos por diferentes espaços e grupos sociais urbanos. Afinal, não é apenas nas relações comerciais que a estigmatização reverbera. Outro momento dessa reverberação está no espaço público que podemos ver no relato de Valéria, quando um funcionário da Receita Federal destaca, de maneira pejorativa, o fato de que “nós” – subentende-se “nós os brasileiros pagadores de impostos” – estaríamos mantendo-a e isso seria motivo para desconsideração da estudante. Efetivamente estudantes da UNILA, brasileiros e estrangeiros, recebem bolsas de estudo ou permanência do governo brasileiro. Mas os comentários não estão apenas enunciando um fato, mas sim “colocando no seu devido lugar” as amigas de Valéria.

⁵⁸ VALÉRIA, op. cit.

⁵⁹ FABIANO, op. cit.

O que podemos abordar e buscar compreender a esse respeito é a narrativa que aponta este preconceito como específico para aqueles vinculados à UNILA e suas consequências para a experiência desses estudantes na cidade. Ao lidar com esta questão, os estudantes constroem táticas diversas de inserção na urbanidade. Em diversos casos, estas são elaboradas no sentido de omitir sua identidade de estudante da UNILA. É o caso de Clóvis⁶⁰ e Fabiano:

Clóvis: Eu tenho duas ou três conhecidas minhas e você vai num ônibus e diz que é da UNILA, eles olham pra você... [risos] Realmente isso é verdade, é verdade infelizmente. Então, eu fui pro meu país e eu entrei no ônibus com uma camisa da Universidad de El Salvador, eu tenho uma camisa da UES aqui e eu saio com ela, mas sair com camisa da UNILA... só quando vou pra faculdade. (...). Eu me sinto orgulhoso de ser da UNILA, mas não faz sentido. Porque eu sei que vai ter alguém que vai ficar contente e vai ter alguém que vai ficar descontente.

Fabiano: Eu tive que fazer um trabalho, aí tinha que ir no materiais de construção e perguntar preços de máquinas. Quando entrei na loja, aí: “ah eu vim fazer um trabalho e tals eu queria saber os preços das máquinas e tals”. Não falei diretamente da UNILA. Tinha um receio assim, se eu falar o cara não vai me ajudar, não vai deixar eu fazer o trabalho. Ele me ajudou um pouco assim e aí a gente conversou um pouco e ele perguntou: “ah você faz engenharia civil?” “Eu faço.” “E onde você faz?” Eu não sei porque, eu não tive coragem de dizer eu faço na UNILA.⁶¹

A enunciação ou não do vínculo com a UNILA é uma tática – no sentido abordado por Certeau – seja através da não utilização de uma camiseta ou da não identificação de sua filiação institucional. Com essas táticas os estudantes conseguem se camuflar entre cidadãos, ou ser confundido com discentes de outras instituições (A UNIOESTE também tem curso de Engenharia Civil em Foz do Iguaçu), sem ser percebido como universitário da UNILA. Logo, ao invés de ter de lidar com o preconceito contra o “unileiro” pode navegar sob o signo do universitário. Se, em El Salvador, há ganhos sociais na exposição dessa identidade, o mesmo não aconteceria em Foz do Iguaçu. Mas esse ganho ou, pelo menos, uma relação “neutra” se estabeleceria na exposição da Universidade

⁶⁰ Estudante salvadorenho, tinha 24 anos em 2015, momento da entrevista. Ingressou na UNILA em 2012 no curso de Engenharia Civil. Morador da capital do país, estudou um ano de Engenharia Mecânica na Universidad de El Salvador antes de ingressar na UNILA. CLÓVIS. [24 anos]. [Agosto, 2015]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Foz do Iguaçu, PR. 14 de agosto de 2015.

⁶¹ FABIANO, op. cit.

de El Salvador. Na fala de Clóvis, fica evidente que a identificação negativada não é a de universitário, nem mesmo a de estrangeiro, mas a de “unileiro”. Importa lembrar que Clóvis e Fabiano são discentes do curso de Engenharia Civil da UNILA, um curso que inicia uma carreira com importantes vínculos potenciais com a espacialidade na qual se insere. Afinal, esta cidade é constantemente lembrada por uma das mais impressionantes obras de engenharia humana, a Itaipu. Mesmo assim, o estudante busca omitir sua vinculação com a instituição e com o curso. Ao jogar com sua vinculação estudantil mobiliza táticas para uma inserção urbana que não seja tão afetada pelos preconceitos que atravessam as experiências estudantis e que acompanhamos acima.

Por fim, gostaríamos de apresentar um último exemplo. O campus da UNILA que fica dentro do território de segurança nacional da Itaipu requer um crachá de identificação para o ingresso de pessoas. Há uma identificação nesse crachá do tipo de vínculo que o indivíduo possui com aquele espaço. Assim, no caso dos estudantes da UNILA, há a identificação escrita e gráfica dessa condição no crachá. A utilização deste na cidade poderia identificar facilmente o vínculo de um indivíduo com a UNILA. Isso gerou outras táticas estudantis. Natália,⁶² ao ser questionada sobre o crachá afirmou que tirava o mesmo quando não estava na UNILA, perguntada se tirava o mesmo propositalmente ou apenas por comodidade ela relatou:

Natália: Por comodidade e, também de propósito mesmo, por ser uma cidade que é muito turística, eu acho que ela não tem problema com a pessoa que seja estrangeira, por exemplo que sabe que vem pra visitar, você encontra as vezes um ônibus, sabe que tem pessoas que não são daqui de Foz que são estrangeiras, mas, que estão visitando de turista, e a gente de Foz é bem mais receptiva com eles, então acho que é intencional tirar o crachá.

Entrevistador: Pra ser identificada como turista ou, ser confundida como turista?”

Natália: Pra ser confundida como turista, e não como estudante da UNILA.⁶³

A retirada do crachá permite comodidade. Entretanto, a estudante destaca a intencionalidade desse ato. Como já afirmamos no início, Foz do Iguaçu é uma cidade marcada por belezas naturais e por obras de engenharias que atraem turistas. É também cidade de passagem para o comércio na fronteira

⁶² Estudante chilena, tinha 29 anos em 2017, momento da entrevista. Formada em fisioterapia, estudava no terceiro ano de Arquitetura e Urbanismo.

⁶³ NATÁLIA. [23 anos] [Abril de 2017]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Via Skype, 09 de abril de 2017.

com o Paraguai. Desta forma, a presença de estrangeiros e turistas não é algo incomum. Para Natália, seria simples ser “confundida” como estrangeira e não como “unileira”. Essa relação “traz mais vantagens”.⁶⁴ Essa questão complexifica nossa discussão, afinal, pelo relato de Natália não seria a condição de estrangeira que redundaria em preconceito, mas sim, a vinculação com a instituição. Dessa forma, não estamos perante um caso apenas de xenofobia, mas sim, de uma articulação específica de preconceitos, inclusive a xenofobia, na figura do unileiro. Isso se reforça quando percebemos que estudantes brasileiros também relatam esses preconceitos. Foram os casos de Carlos, Fabiano e Marcos.

Todos esses relatos são de estudantes narrando preconceitos sentidos diretamente, ou que permeiam as vivências, práticas e representações dos “unileiros” na cidade. As memórias narradas evidenciam aquilo que viemos argumentando ao longo do texto. As relações entre Foz do Iguaçu e os unileiros se estruturaram de forma muito específica, marcada por preconceitos e a necessidade de construção de táticas nas práticas unileiras na urbe. A omissão da vinculação institucional surge como elemento central nessas táticas, afinal, ser visto e/ou reconhecido como “unileiro” pode levar a problemas que vão da dificuldade de alugar uma casa, a dificuldades de socialização pessoal. Dessa forma, ao invés de a vinculação com uma universidade trazer ganhos para os estudantes, temos constantes e recorrentes prejuízos com essa vinculação.

Considerações finais

Organizamos nosso texto em três momentos relacionais produzidos pelas memórias de nossos entrevistados. Ao longo da escrita foi possível perceber as relações com a cidade percebida de diferentes maneiras. Primeiramente, entre 2010, momento em que a UNILA estava se estabelecendo e os estudantes ainda se adaptando na cidade, essas relações foram positivadas em suas memórias. A partir de 2012 vemos uma mudança nas relações com a urbe. Uma ação policial e narrativas xenófobas e preconceituosas em relação aos unileiros demarcaram uma transformação nessas relações e nas memórias construídas sobre elas. A partir de então, as relações com a cidade foram narradas a partir de tensionamentos e preconceitos diversos percebidos pelos estudantes que, então, construíram táticas para permitir que suas “caminhadas” pela cidade pudessem ser trilhadas.

⁶⁴ Idem.

Os tensionamentos nas relações sociais entre estudantes e cidadãos, os quais viemos acompanhando e analisando através de suas narrativas ao longo desse texto, possuem uma variedade de motivadores e dimensões. Observamos esse problema a partir da ótica daqueles que são vítimas e agentes desse processo. Buscamos expandir os olhares em direção à compreensão de narrativas produzidas e difundidas na urbe nos momentos que consideramos cruciais para a consolidação desse tensionamento. Acompanhamos a narrativa estudantil sobre a ação policial em 2012 e a publicação do blog EmpresariALL, de 2013 e 2014, como forma de perceber dimensões que atravessam a construção de estereótipos negativos dos “unileiros”. Está claro para nós que essas incursões no ambiente cidadão, mesmo que virtuais, são limitadas e não esclarecem plenamente a questão ficando como desafio para investigações futuras.

As vivências estudantis se deram, voluntária ou involuntariamente, dentro de um universo que é permeado pela constituição da UNILA e do “unileiro” enquanto um campo de possibilidades e de experiências compartilhadas. Isso não significou concordância ou uma tácita identificação com valores ou prioridades comuns. A partir dessa ponderação, pensamos formas como os entrevistados narraram e significaram as experiências cidadinas apoiados em seu lugar social como universitários. Essa dimensão foi de suma importância. As entrevistas, como analisamos, apresentaram um espaço urbano experimentado a partir do lugar de universitários da UNILA. Não foi qualquer experiência universitária, bem como não foram outras dimensões que tomam o primeiro plano. Foi “*ser*”, ou *ser tomado por universitário da UNILA*, “*unileiro*”, que demarcou e vivencia da cidade. Essa foi a “marca” que carregaram.

A importância do trabalho dessa problemática, a partir da relação cidade/universidade, advém de nossa compreensão de que vivências urbanas foram e são centrais para a compreensão de suas experiências, bem como, das consequências do ambiente histórico de tensionamentos sociais e políticos nas vidas de sujeitos ordinários. Moradia, alimentação, entretenimento e estereótipos/xenofobia estiveram presentes em suas memórias. Essas dimensões foram constituídas em diálogo com as historicidades da universidade e da cidade. Por mais profunda que seja a vivência universitária, a relação com Foz do Iguaçu foi igualmente inescapável. Foi necessária a convivência de diferentes formas e com diferentes densidades no diálogo com a urbanidade e com os cidadãos.

O objetivo deste texto foi, em grande medida, compreender ressignificações na memória das vivências de estudantes da UNILA na cidade de Foz

do Iguaçú. Foi possível acompanhar a construção de uma relação tensa entre unileiros e cidadãos. Essas relações não foram monolíticas. Se enfatizamos em grande medida a tensão, a xenofobia e diversas formas de preconceito experimentados por “unileiros” na cidade, essa não deve ser vista como a única possibilidade. Afinal, tanto a comunidade estudantil quanto a cidade são amplas e marcadas pela diversidade. Os trabalhos de narrativa da memória complexificam ainda mais essa diversidade entremeando temporalidades diversas no processo. Pensamos e propomos que a historicização destas e outras memórias estudantis na cidade torna possível a complexificação das análises dessa espacialidade central para a contemporaneidade. Trabalhos nessa linha permitem ainda, um aprofundamento da compreensão das vivências e experiências juvenis de universitários. Buscamos, através deste texto, contribuir neste esforço.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*. Bauru: Edusc, 2007.

_____. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

ALMEIDA, Larissa R. *O Mercosul educacional e a criação da UNILA no início do século XXI: por uma integração regional via educação*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

ARANTES, Antônio A. *Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempos de globalização. Paisagens Paulistanas*. Campinas: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

CANDAUI, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

FARAH, Paulo D. *Combates à Xenofobia, ao racismo e à intolerância*. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 114, 2017, p. 11-30.

FERREIRA, Marieta M. *História, tempo presente e história oral*. *Topoi*. vol.3, n.5, 2002, p. 314-332.

FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. *História Oral*, v. 14, n. 1, 2011, p. 97-122.

HALL, Stuar. Quem precisa da Identidade. In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2000.; CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, 1996.

KLAUCK, Samuel; SZEKUT, Andressa. Diversidade populacional: discursos de fixação do patrimônio cultural de Foz do Iguaçu/PR. *Ideação*. Foz do Iguaçu, v. 14, n. 2, 2012, 157-177.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAVERDI, Robson. Raymond Williams y la historia oral: relaciones sociales constitutivas. *Palabras y Silencios*. Vol. 5, Núm. 2, 2011, p. 21-32.

MENEGHEL, S.; AMARAL, J. Universidades internacionais na contracorrente: as propostas da UNILA e da Unilab. *Universidades*. México, v. 67, 2015, p. 25-40.

PASSERINI, Luisa. *A Memória entre Política e Emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. Vol. 14. São Paulo: 1997. P. 25-39.

_____. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, v. 1, n.2, 1996, p. 1-9.

_____. Forma e Significação na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. *Projeto História*. V. 14, n. 1, 2007, p. 7-24.

REISDORFER, Thiago. Universidade e Interculturalidade: Ressignificações identitárias de estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA (2008-2017). 2018. Tese. (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

REISDORFER, Thiago. Universidade e Interculturalidade: Ressignificações identitárias de estudantes da Universidade Federal da Integração

Latino-Americana – UNILA (2008-2017). 2018. Tese. (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

SÁ MOTTA, Rodrigo. Anticomunismo e Antipetismo na atual onda direitista. In: BOHOSLAVSKY, E.; SÁ MOTTA, R.; BOISARD, S. *Pensar as Direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda, 2019.